



Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Gonçalves, Teresinha Maria; Follmann, José Ivo; Giordani Christ, Adriel; Bernadete Serafim Viola
Prum, Maria; da Silva Ricken, Lucas; Souza da Silva, Israel; Michels Tomazi, Greice
Desvelando identidades através de retalhos de histórias de vida: práticas de psicologia social
Ciências Sociais Unisinos, vol. 49, núm. 2, mayo-agosto, 2013, pp. 164-173
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93828220004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Desvelando identidades através de retalhos de histórias de vida: práticas de psicologia social

Unveiling identities by means of scraps from
life stories: Practices of social psychology

Teresinha Maria Gonçalves¹
tmg@unesc.net

José Ivo Follmann²
jifmann@unisinos.br

Adriel Giordani Christ³
dielgc@hotmail.com

Maria Bernadete Serafim Viola Prum³
mbp@unesc.net

Lucas da Silva Ricken³
luquinhar@hotmail.com

Israel Souza da Silva³
israel_souza@hotmail.com

Greice Michels Tomazi³
greicemichels@hotmail.com

Resumo

O artigo propõe uma reflexão sobre identidade a partir de dados empíricos buscados em cinco histórias de vida selecionadas na prática de acadêmicos de Psicologia Social II, da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Nele são utilizadas algumas concepções de identidade conhecidas, partindo do fato de que a identidade sempre pode ser decomposta em várias dimensões, como a expressa pela chamada "identidade nuclear" (núcleo do ego) ou "identidade do eu", ou então a que se refere à ideia do "ser humano como um ser de projeto", ou, ainda, a que está referida ao lugar e ao território. Nas histórias de vida analisadas, são identificados "retalhos" que ajudam a desvelar as identidades concebidas em permanente processo. O artigo tem uma estrutura simples: inicia com uma breve introdução, seguem três momentos nos quais são reproduzidas análises pertinentes a três grandes blocos conceituais, e, por fim, são traçados, nas considerações finais, alguns delineamentos pontuais de conclusão e perspectivas de continuidade e aprofundamento.

Palavras-chave: *identidade, cultura, história de vida, projeto de vida, psicologia social.*

Abstract

The article proposes a reflection on identities based on empirical data collected from five life stories selected from the practice of Social Psychology II students at Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Some common conceptions of identity are used,

1 Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal do Paraná e Professora da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Av. Universitária, 1105, Bairro Universitário, 88806-000, Criciúma, SC, Brasil.

2 Doutor em Sociologia, Université Catholique de Louvain Bélgica e Professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil.

3 Acadêmicos, estudantes do Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, disciplina de Psicologia Social II, segundo semestre de 2010.

considering that identities can always be decomposed into several dimensions, such as the one called nuclear identity (ego identity), or the one that refers to the idea of human being as a being of project, or, still, the one that refers to the place and the territory. The analysis of life stories identifies scraps that help to unveil identities in permanent process. The article has a simple structure: a short introduction, a review of literature on three major pertinent conceptions, final remarks and suggestions for further research.

Key words: *identity, culture, life story, life project, social psychology.*

Introdução

Todo sujeito individual resulta do permanente encontro e entrecruzamento entre a sua singularidade e o seu contexto sócio-histórico-cultural. Para Ferrarotti (1983), cada vida pode ser vista como sendo, ao mesmo tempo, singular e universal, no sentido de que as "histórias", pessoal e social, do sujeito são representativas de seu tempo e de seu lugar. Os sujeitos passam pelo mundo e escrevem suas histórias (ao mesmo tempo pessoais e sociais), só que, para a grande maioria deles, essas histórias não são lidas e nem ouvidas. Cabe a nós, da universidade, enquanto lugar privilegiado de construção do conhecimento, dar voz a essas pessoas, cujas falas são "ignoradas" ou, até, "interditadas" e se restringem ao seu mundo reduzido e imediato. Retomando um pensamento inspirado em Goldenberg (2005), podemos dizer que cada sujeito individual é uma síntese da sociedade, é uma reapropriação singular do universo social e histórico. Podemos ler, assim, uma sociedade através de uma biografia ou história de vida. Talvez devamos radicalizar dizendo que precisamos ler as biografias ou histórias de vida para ter uma leitura mais condizente da sociedade, pois, como afirmam Vidich e Lyman (2006), inspirados em Jean-Paul Sartre, o homem é "um singular universal".

Trata-se de evidenciar os horizontes de sentidos histórico-culturais que configuram o contexto por onde passam os processos de identidade. O conhecimento do sujeito-intérprete é experiencial, desde que se entenda a noção de experiência como fruto do encontro fundamental do sujeito humano com o mundo um encontro que constitui os sentidos da existência e modifica a ambos. Nessa perspectiva, os sentidos para a vida e a compreensão do mundo nunca resultam em ideias fechadas, pois mantêm a abertura a novas aprendizagens.

A produção da subjetividade passa pelas necessidades e dificuldades inerentes ao processo de interação do sujeito com o mundo. Nessa perspectiva, o *alter*, o outro que está diante de nós, falando, perguntando, amando ou nos odiando ou aceitando, faz-se necessário.

O esforço para recuperar a memória coletiva por meio das histórias biográficas de sujeitos contextualizados em seu tempo e espaço próprios está diretamente relacionado com a perspectiva de articulação da história social com a vida cotidiana e a atualização e recomposição constante da realidade.

Consideram-se cinco dimensões psicológicas por meio das quais o sujeito é capaz de internalizar e interagir com seu

meio. Tais dimensões são: a cognitiva, a afetiva, a interativa, a simbólica e a estética (Pol, 1996; Gonçalves, 2007). A dimensão cognitiva trata da parte racional e lógica do ser humano, como a ciência cartesiana e o conhecimento. No entanto, conhecimento sem amor produz barbárie (Damergian, 2001); por isso, esta dimensão não está desvinculada das demais. A dimensão afetiva diz respeito aos sentimentos e emoções dos sujeitos à medida que se relacionam com pessoas, objetos e lugares. A dimensão interativa, além da interação com os outros, dá conta do cruzamento entre a história pessoal e a história social, de que nos fala Pichon-Rivière (1983). A quarta dimensão é a simbólica, que permite apreender a realidade e dar-lhe um sentido próprio de acordo com interações, significados e valores individuais. É essa qualidade simbólica do ambiente que provê às pessoas o senso de "identidade de lugar" (*place identity*), o qual ajuda a definir o papel que exercem na sociedade (Ittelson *et al.*, 2005). Por fim, a dimensão estética ou poética se traduz no "instante consagrado" de Paz (1973), no qual o homem transcende a razão e a emoção e se encontra com a transcendência.

É com este direcionamento que as histórias de vida são perfiladas neste texto, com a ideia central de, através de alguns pontos de análise, desvelar processos de identidade, ajudando a reconstruir, de uma forma mais próxima da realidade e mais certa, a vida sociocultural local e seu processo histórico. Entre muitas histórias de vida, coletadas pelos estudantes, foram escolhidas cinco: Jô (cognome), uma jovem estudante, solteira, marcada por uma grande decisão por estudar; dois senhores já de idade bastante avançada, ambos casados, sendo um deles Norberto (cognome), aposentado depois de um exercício profissional muito bem sucedido e o outro, Pedro (cognome), também aposentado depois de ter exercido diversos engajamentos profissionais; duas senhoras de idade adulta: Elisa (cognome), casada e com quatro filhos e Maria (cognome) casada, mas separada, e com três filhos, sendo a situação de trabalho diferenciada: enquanto Elisa (cognome) é merendeira escolar contratada, Maria (cognome) é de serviços do lar e lavadeira, sem contrato assinado. Todos são moradores atuais de Criciúma (SC) com exceção de um dos senhores, que está estabelecido no município vizinho de Nova Veneza (SC).

O artigo tem como referência primeira a concepção de identidade desenvolvida por Damergian (2001), na qual se destaca o conceito de ponto fixo, que, segundo a autora, é o objeto bom que se constitui como "núcleo do ego" ou o modelo

identificatório principal de referência do sujeito. De fato, ao longo da trajetória de vida de um sujeito, os modelos de identificação podem multiplicar-se, mas em geral gravitam em torno de um "ponto fixo". Modelos identificatórios, a referência, podem ser também o pai, ou alguma outra pessoa próxima, ou até mesmo pode ser um coletivo, a "mãe-sociedade" ou uma referência estética ou doutrinal. A referência ao "ponto fixo" ressalta a dimensão do "eu", ou seja, a "identidade do eu", como delimita Gonçalves (2007).

Outra dimensão trabalhada no artigo é a dimensão de projeto, alinhando-se com a ideia que Follmann (2001) aplica à noção de processos de identidade ao colocar em destaque a questão básica de que o "ser humano é um ser de projeto", concebendo a própria identidade como um projeto. A concepção de "identidade de projeto" remete à ideia de "processo de identidade". A identidade é um horizonte em direção ao qual o ser humano se projeta permanentemente e processa o seu existir. A "identidade de projeto" diz respeito aos projetos de vida dos indivíduos. Através de seus projetos ou de seu projeto de vida, os sujeitos podem redefinir o seu lugar social e buscar mudanças na própria estrutura social.

Ao lado destas duas dimensões, a de identidade do eu e a de projeto, o artigo ainda agrupa alguns outros recortes trazendo à discussão, a partir das histórias de vida, aspectos ligados à territorialidade, identidade de lugar e outras referências de valor.

O artigo tem uma estrutura simples: inicia com uma breve introdução, seguem três momentos nos quais são reproduzidas análises pertinentes aos três blocos conceituais aqui elencados, e, por fim, são traçados, nas considerações finais, alguns delineamentos pontuais de conclusão e perspectivas de continuidade e aprofundamento.

Primeiro momento: desvelando a identidade do eu

"Muito do que sou hoje eu devo à minha mãe" (Pedro)

Pedro, ao falar de sua mãe, refere poucas coisas, mas ele deixa transparecer que são lembranças fortes. Apesar de, em sua história de vida, o papel do pai estar mais evidenciado como um homem enérgico, a mãe parece ser a referência mais forte. Segundo análise do acadêmico Lucas da Silva Ricken (Gonçalves, 2010), em um dos contratempos que Pedro sofreu na cidade, ele ficou muito chateado, caiu na bebida, e então as palavras de sua mãe começaram a reverberar em seu pensamento. Quando Pedro decidiu morar na cidade sua mãe havia tido uma conversa franca tentando expor os prós e contras que ele poderia estar encontrando nesse meio, porém ele não deu ouvidos. Conta que sentiu uma enorme vontade de chorar e voltar para seu lar, nunca havia sentido tanta falta de seus familiares, mas continuou a luta pela sobrevivência. Fica evidente, através do relato de Pedro, que du-

rante toda sua vida a mãe foi uma figura bastante importante. E como sustenta Damergian (2001, p. 94), "a mãe não é só o objeto externo, é o energético positivo, o ponto fixo para que o bebê construa seu mundo interno e sua identidade".

Outro aspecto que pode ser acrescentado a este comentário do acadêmico Lucas diz respeito ao possível papel exercido pela "teimosia" do próprio Pedro. Pois, mesmo que ele tenha dito: "muito do que é hoje, deve à mãe", também se pode entrever, nas análises de outras passagens de sua história de vida, que o seu projeto tem muito a ver com a sua "teimosia" em romper de certa forma com os conselhos da mãe que o advertia a não ir para a cidade.

"Foi com a bênção da Natureza e de Deus que a gente cresceu, que a gente se criou sem fazer mal a ninguém" (Maria)

Maria se criou sem uma boa referência, nem do pai e nem da mãe. Parece que ela se sentiu, mesmo, bem acolhida, cuidada, protegida e criada pela mãe-sociedade.

O termo educação, o mundo e a natureza, ela nos ensinou a não matar, não roubar e não se prostituir. Foi com a bênção da Natureza e de Deus que a gente cresceu, que a gente se criou sem fazer mal a ninguém. Também não vou te dizer que odeio a mãe, não, eu não odeio... Se ela não botasse no mundo, eu não seria hoje o que eu sou... (Maria).

Na análise do acadêmico Israel Souza da Silva (Gonçalves, 2010) sobre a história de vida de Maria, conclui-se que ela tem como referência inicial a mãe-sociedade, sendo seu ponto fixo, uma vez que não teve o acompanhamento materno. "Minha mãe era uma pessoa ('como é que eu posso lhe explicar?'), tinha muito trabalho pela frente e não teve tempo ou não quis [...] nos ensinar a vida, crescer com ela" (Maria). Da mesma forma Maria também não teve o acompanhamento paterno. "Eu curti ele (pai) pouco tempo, eu era muito doente e não me lembro dele. Se eu disser pra ti, não, eu conheço meu pai [...]. (Fui ver o pai) eu já tava com 21 anos, [...] morto no caixão. Não tinha muito contato, e a nossa vida foi, foi indo" (Maria).

De acordo com Damergian (2001, p. 90), há casos em que esta mãe é substituída pela própria sociedade. Nestes casos, também, "a sociedade também pode ser encarada como uma grande mãe, capaz ou incapaz de maternagem, boa ou má, que acolhe e favorece o desenvolvimento de seus filhos membros ou os desampara". Para ela, "a mãe-sociedade também deve funcionar como um ponto fixo, para o desenvolvimento de seus filhos-membros a partir das instituições sociais em seus diferentes segmentos a partir da família e por meio de modelos identificatórios" (Damergian, 2001, p. 96).

Damergian (2001) explica em seu texto que a valência positiva é a capacidade de superação que possuímos apesar dos problemas e das limitações, é a maneira como a pessoa lida com

as dificuldades. Assim, apesar de tudo, nota-se que Maria agregou à sua identidade a valência positiva.

Eu me orgulho, de certa forma, porque eu não desisti de viver, de lutar, porque eu acho que a vida é mais importante e os filhos também são importantes na vida de gente que a gente agarra com muito amor. A experiência da minha vida foi uma coisa muito bonita, uma história muito marcante pra mim. Hoje eu sei ser quem eu sou (Maria).

Uma valência positiva reforçada na sinergia de três pontos referenciais complementares

Norberto é herança de uma grande positividade ao longo de sua infância e juventude, apesar do tratamento rigoroso recebido dos pais.

Felicidade é a gente se dar bem como casal, assim como nós, e a família... por exemplo, a família ser unida, né, todos se darem bem e isso aí eu acho que é felicidade, né. E eu vejo com tristeza as famílias que brigam por qualquer coisinha, qualquer... né. E eu acho que a família é o alicerce, né, e a família tem que se dar bem, né, se entender. Nós somos um casal feliz, feliz mesmo. A gente se dá muito bem, acho que servimos de exemplo, que nós estamos casados há 61 anos e cada vez a gente se dá melhor. Isso é felicidade! (Norberto).

A acadêmica Greice Michels Tomazi (Gonçalves, 2010), em sua análise da história de vida de Norberto, aponta um ponto fixo e dois referenciais complementares: a mãe, o pai e a mãe-sociedade. Segundo ela, a mãe de Norberto foi sempre muito amorosa e amamentou os seus 12 filhos até quando pôde. Damergian (2001), apoiando-se em Melanie Klein, salienta e esclarece que, quando a mãe amamenta o filho, o seio e o leite tornam-se a primeira fonte de satisfação da necessidade, sendo também o primeiro objeto de desejo. A necessidade e o desejo propulsionam o ser humano a criar laços e relações sociais, particularidades do sujeito que movem a lógica de sua interação com o meio. Mulher de temperamento forte, a mãe dedicou a sua vida aos filhos e marido, amando-os e cuidando-os como condição primeira e básica. Serviu de ponto fixo, construindo, assim, a sua identidade, o seu mundo interno. O núcleo de seu ego estruturou-se de forma saudável, desenvolvendo a sua personalidade, construindo a sua identidade. Ela cumpriu o seu papel de mãe, foi um ponto seguro que acolheu e estimulou o seu crescimento emocional.

A acadêmica Greice ainda constata que a família de Norberto sempre foi muito bem estruturada, valorizando os laços afetivos. Seus pais sempre tentaram dar o máximo de conforto e educação a ele e a todos os seus irmãos. Greice lembra a referência de Damergian (2001, p. 10): "O ambiente facilitador é uma condição essencial para que a personalidade cresça numa direção saudável". O pai de Norberto, apesar de não ter condi-

ções financeiras de pagar a faculdade de todos os filhos, não deixou de incentivá-los e ajudá-los na busca de seus objetivos e sonhos. Ensinou-lhes, também, que é preciso trabalhar duro para alcançar os seus ideais, servindo como valência positiva, assim como a sua mãe. Era necessário formar-se em alguma profissão, para então conseguir ser alguém na vida, um sujeito bondoso, amoroso, honesto, trabalhador.

A acadêmica Greice lembra, por fim, que segundo Hall (2005), o sujeito sociológico se constituía na relação com pessoas importantes para ele, que são a intermediação, para o sujeito, dos valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele habita. Para ela, Norberto espelhava-se muito em seu pai, dentista, servindo como modelo de identificação, tanto que quis seguir essa profissão, assim como seu irmão mais velho. Mas, além disso, a sociedade também ofereceu condições favoráveis e acolhedoras ao seu desenvolvimento, fazendo com que Norberto tivesse uma interação bem sucedida com seus pais, já que o meio pode beneficiar ou atrapalhar esse desenvolvimento. Desse modo, a mãe-sociedade também funcionou, de certo modo, como ponto fixo (referencial complementar).

"Hora certa pra ir pra igreja, hora certa pro trabalho, hora certa pro colégio, hora certa pra tá dentro de casa" (Elisa)

Elisa teve uma infância muito regrada com presença materna e paterna marcantes. Ela descreve a sua infância como uma infância feliz.

Ah, em casa era muito bom! Muito unida minha família. Os meus pais... A minha mãe era mais agitada, no modo de ser, (era) muito perfeccionista em tudo. E o meu pai (era) uma pessoa bem calma e serena, bem humilde. A gente almoçava junto, na hora da refeição todo mundo calado, que ninguém usasse palavras na hora do almoço, que tinha que ter respeito, né, e fomos criado assim. Hora certa pra ir pra igreja, hora certa pro trabalho, hora certa pro colégio, hora certa pra tá dentro de casa. Eu nunca fui uma menina... Eu não sei o que é danceteria. Nunca fui em danceteria, e à noite era... era dentro de casa (Elisa).

Segundo a análise da história de vida de Elisa, feita pela acadêmica Maria Bernadete Serafim Viola Prum (Gonçalves, 2010), a depoente vem de uma família conservadora e religiosa, teve uma infância e adolescência muito boa, era feliz com sua família e sempre foi muito obediente, procurando fazer o que é "certo". Teve a presença materna e paterna em sua vida; o pai era uma pessoa serena e humilde, e a mãe, uma figura forte, perfeccionista e batalhadora. Como ponto fixo, conforme Damergian (2001), podemos dizer que herdou de sua mãe a coragem, a garra de seguir em frente diante das dificuldades. Colocando sempre a família em primeiro plano, aprendeu com sua mãe a ser uma boa dona de casa. "[...] só olhando, ao lado da mãe, fazia potes

de biscoitos, cavaquinho, ela fazia tudo. A comida, o tempero, o modo de lavar, porque ela era muito exigente nas coisas... tudo isso eu aprendi desde menina" (Elisa).

Ainda no entender da acadêmica, hoje Elisa sente-se uma mulher realizada, pois venceu muitas batalhas na sua caminhada de vida. O que marcou profundamente a sua vida foi o trabalho que fez naquela escola, naquele bairro onde foi muito difícil sua adaptação. Mas foi a partir desse trabalho que Elisa passou a construir sua própria identidade. Quando precisam de sua ajuda, está sempre disposta a ajudar sem medir esforços. "E a minha vida é assim" (Elisa).

"Peguei minha tia como referência" (Jô)

Jô é uma estudante que é do interior do Rio Grande do Sul, mas está morando em Criciúma (SC), com uma tia, por escolha do pai.

E com a minha mãe eu também sempre me dei bem, mas assim, eu tenho uma maior afinidade com meu pai, é... Nossa! É bem... Sabe? É bem notável, assim... E minha irmã é mais ligada com a minha mãe, assim, mas é um contexto familiar tranquilo, sabe? Eu tenho uma relação muito boa com a minha família, graças a Deus! (Sorri). É, é... Eu não sei assim, se tu me perguntar o motivo, eu não vou saber te dizer, mas é aquela coisa, acho... Se identificar! Minha mãe e minha irmã têm uma relação mais próxima, sabe? Apesar de eu me dar super bem com a minha mãe, com meu pai... Eu não sei (sorri)... É muito forte! Desde manias, assim, pensamento, modo de ver as coisas, (tenho um jeito) muito parecido assim com o dele... (Jô).

Segundo o acadêmico Adriel Giordani Christ (Gonçalves, 2010), ao analisar a história de vida de Jô, deve ser destacado que a sua vinda a Criciúma foi influenciada por dois fatores colidentes: o protecionismo paternal somado ao encorajamento por parte dele para a expansão dos horizontes profissionais. "Tenho uma tia que mora aqui, e meu pai é meio super protetor, ele não ia me largar pra qualquer lugar, entende?" (Jô). Apesar da relação ainda dependente com o pai, Jô pode tomar as próprias decisões dentro de um planejamento em conjunto com ele, no qual os dois têm autoridade. Jô foi quem escolheu o que cursar, o pai escolheu outros aspectos, como o lugar onde estudar.

Aprofundando a questão do ponto fixo, o acadêmico, depois de referir Damergian (2001) e Fromm (1961), prossegue, referindo-se a Jô: Nesta relação mãe-filha parece haver amor, contudo o apego foi centralizado na figura paterna, como fica evidente. O pai é classificado aqui como o principal modelo identificatório. Isso influenciou fortemente na constituição de sua identidade.

[...] A mãe é o lar de que proviemos, é a natureza, o solo, o oceano; o pai não representa qualquer desses lares naturais... O pai representa o outro lado da existência humana: o mundo do pensamento, das coisas feitas pelo homem, da lei e da ordem, da disciplina, das viagens e aventuras. O pai é aquele que ensina ao filho, que lhe mostra a estrada do mundo (Fromm, 1961, p. 67-68).

O acadêmico Adriel ainda prossegue com Fromm (1961), para lembrar que, segundo o mesmo, enquanto a mãe representa a natureza e o amor incondicional, o pai representa abstração, consciência, direito, dever e hierarquia. A falta de um (único) ponto fixo teria fragmentado Jô em parte. Os sentimentos não são priorizados em sua caminhada. Os modelos identificatórios principais, o pai e a tia, tornaram-na um ser humano muito ligado à razão e ao cognitivo. O ambiente estimula suas capacidades inventivas de múltiplos aspectos. O pai, um dos maiores responsáveis por este ambiente, ao mesmo tempo em que disciplina e coordena a ordem geral da família, em busca de uma subjetividade integrada das filhas, permite as decisões pessoais das meninas.

A lacuna de ponto fixo que Jô sofreu, de certa forma, foi suprida pelo pai, ainda que, provavelmente, Jô tenha uma forte tendência a ser insegura e amedrontada. O pai, personagem importante na vida de Jô, parece ter se aproximado do modelo paternal que Fromm caracteriza, apesar de interferir em alguns aspectos, impondo certas condições que garantam seu controle. Será que Jô sentiu-se mais confortável acatando as decisões do pai, por estar insegura (consequência de uma identidade mais temerosa decorrente desse menor vínculo com a mãe)? Talvez por isso tenha definido o pai como superprotetor.

Desde criança Jô se diz segura de suas escolhas e acredita possuir as mesmas virtudes de sua tia. Define-a como uma mulher muito estudiosa, superdedicada, que corre atrás do que acredita ser o melhor para si, que se deu bem, como única da família de seu pai que fez graduação. "Peguei minha tia como referência" (Jô).

Segundo momento: desvendando a identidade de projeto

Projeto de Pedro

Pedro, depois de ter exercido diversos engajamentos profissionais, sente-se muito confortável e bem satisfeito com o local onde mora, mesmo que expresse o sonho de voltar para o sítio:

Sinceramente não consigo me imaginar morando em outro bairro que não seja esse, [...]. Só troco esse lugar se for para morar em um sítio. [...] Meu sonho é ir morar com a minha mulher, em um sítio, mas não para passar trabalho como antes; mas agora para descansar. Pode parecer simples, mas é o que quero, ainda (Pedro).

Segundo análise feita pelo acadêmico Lucas da Silva Ricken (Gonçalves, 2010), esta manifestação revela que Pedro, mesmo tendo passado dificuldades e trabalhado arduamente no meio rural, ainda possui forte identificação com este meio. Seu projeto de vida, seu sonho é voltar para o lugar de origem. Ele ainda tem isso guardado em seu coração.

O acadêmico Lucas aprofunda a questão do projeto com as seguintes considerações: Pedro viveu o seu próprio projeto e não o que a mãe talvez quisesse impor a ele, embora não tenha dado tão certo quanto o imaginado. Ele seguiu seu coração em busca daquilo que acreditava ser o certo: vir para a cidade. Se não o tivesse feito, poderia ficar sem sofrer algumas dificuldades, mas, por outro lado, permaneceria com uma eterna dúvida. Ressalte-se que, quando o indivíduo se esvazia de seu projeto de vida, ele perde a identidade e posteriormente pode ficar reduzido a uma situação de alienação (ver Follmann, 2001). É muito importante termos presente que Pedro se considera muito teimoso. Esta "teimosia" pode ser vista como projeto de vida. Pedro nos mostra que, independentemente de nossa idade, nunca é tarde para continuarmos a sonhar, e um de seus últimos grandes sonhos, que nos relatou, é voltar para a natureza, pois sempre sentiu falta dela, mesmo que não seja de volta para o seu antigo lar, quer estar envolto pela floresta, porque afirma que esse é seu verdadeiro lugar.

Completando a reflexão do acadêmico Lucas, pode-se concluir, assim, que o projeto de vida nunca é único ("quero ir para a cidade"), mas pode sofrer ressignificações, pois, ao "ir para a cidade" e realizar-se profissionalmente ali, pode suceder, como de fato é o caso, o anseio de eventualmente voltar para o interior (sítio) com uma nova perspectiva, já não de trabalho, mas de volta a um contato mais direto com a natureza.

Projeto de Maria

A vida de Maria, segundo o acadêmico Israel Souza de Silva (Gonçalves, 2010), foi bastante sofrida e difícil; a ausência materna e paterna, a fome, a falta de referências gerando a crise de identidade, a inexperience frente ao novo, geraram marcas profundas em sua humilde vida; no entanto, mesmo com todas as dificuldades encontradas, com as barreiras enfrentadas, Maria demonstra que conseguiu superar as dificuldades em sua vida, onde construiu valores fundamentais na sua existência, os quais lhe ensinaram a viver, justa e dignamente, dentro da sociedade. Ela expressa isto da seguinte forma:

E fui começando a viver a vida de mulher, mas era uma vida de mulher sem experiência. Aí vem o primeiro filho, não sabia de nada, não sabia como cuidar, não sabia como, hã!, como pegar aquele bebezinho!?... Mas eu aprendi, talvez porque, né, quando eu era mais nova, eu trabalhei de babá. Então não perdi muito, a prática, né, mas babá é fácil, mas o problema é sair da barriga da mãe e a gente mesmo ter que cuidar e organizar tudo certinho... [...] É foi uma dificuldade bastante pesada, no primeiro filho, depois a gente vai, vai, e vai vendo como é as regras (Maria).

O acadêmico Israel Souza da Silva, em sua análise da história de vida da Maria, lembra que é através da história de vida de cada um que se pode notar como se dá a produção da subjetividade e como se constrói a identidade no âmbito existencial. Percebemos que a identidade é construída a par-

tir de um processo social-pessoal, onde há interação entre os sujeitos em que se explicitam as diferenças e se negam as possibilidades de um ser igual aos outros, ou seja, cada indivíduo afirma a sua identidade e a do outro por meio de suas relações interpessoais-coletivas. A identidade não é somente a herança histórica, ela é, também, a maneira com que (esta) pode ser atualizada (e projetada), comportando reações próprias frente aos desafios atuais (e sonhos de futuro) (ver Follmann, 2001). Na vida de Maria, este fato é constatado no relato que ela faz dos seus primeiros passos na vida adulta, com as dificuldades enfrentadas e sua adaptação ou atualização frente aos novos desafios que encontrou.

Projeto de Norberto

Norberto amava o que fazia. Ele nunca desistiu de seu projeto, que era o de tornar-se dentista.

Aí eu vi que no exército, era assim, pra quem não gostava muito de trabalhar, né, vadio (risos). Aí eu disse: não, eu quero ir embora. Aí eu comecei a trabalhar com o meu pai, que era dentista, né. E meu irmão mais velho queria fazer odontologia, e fez, se formou em Curitiba. Aí eu comecei a trabalhar com a prática, com o meu pai, em [...], né. Eu acho que foi em 1947. Aí eu trabalhei, aí... ah, mas aí eu conheci a [...] naquele tempo, né. Achei ela muito bonita. Fui num casamento com o meu irmão, na casa dos padrinhos dela. [...] Eu era o único dentista daqui, aí eu como... a minha carteira profissional, aí nós fomos chamados em Florianópolis, dentista prático, e eles nos deram, a... como se diz ainda... a minha carteira em prótese dentária. É, era protético, né. E aí eu me aposentei como protético, né. Mas eu trabalhei mais de 50 anos (Norberto).

A acadêmica Greice Michels Tomazi (Gonçalves, 2010), ao analisar a história de vida de Norberto, lembra uma passagem do texto de Follmann (2001) sobre alienação associada a viver segundo projetos que não são os seus ou pessoalmente assumidos, e dá a entender que o normal teria sido Norberto se conformar com o fato de seu irmão ter sido o escolhido para fazer a faculdade de odontologia... Ele, porém, nunca desistiu de seu projeto de seguir a carreira do pai, mesmo que, quando pequeno, tenha pensado em ser pedreiro. Não pôde fazer faculdade de odontologia quando o quis, pois teve que esperar o seu irmão formar-se primeiro. Ele não viveu segundo projetos que não eram seus, foi paciente e persistente, alcançando o seu grande objetivo. Tornou-se, de forma honesta, o profissional mais conhecido e competente da região. Ele amava o que fazia. Hoje sente enorme felicidade em ver a família unida, reunida e por estar casado com a mesma mulher há 61 anos e se dar melhor com ela a cada dia.

Projeto de Elisa

Elisa, quando casou, teve que mudar-se e adaptar a sua vida ao trabalho do seu esposo. Passou a viver, por um bom tempo, de certa forma, dominada pelo projeto de seu esposo.

Depois de casada em São Bento Baixo, depois tive que vim morar pra cá, aqui na [...], por causa do serviço do meu esposo né. Estranhei muito porque nasci em terra de colono, eu era moça de roça né, não que eu trabalhasse na roça, mas era acostumada com os costumes de origem italiana, né, e... tinha os costumes bem diferentes (Elisa).

Segundo descreve a acadêmica Maria Bernadete S.V. Prum (Gonçalves, 2010), Elisa morou com seus pais até os 18 anos de idade, quando casou. Permaneceu ainda na localidade por um ano e logo depois mudou para [...], município de Criciúma/SC, já com uma filha. Pois seu esposo pertencia a essa localidade e o seu trabalho era ali. Elisa passou a viver sob o domínio do projeto de seu esposo. Neste ponto da análise, a acadêmica Maria Bernadete refere o texto paradigmático de Follmann (2001), sinalizado anteriormente, no qual se opõem alienação e identidade. No entanto, prossegue a descrição e análise da acadêmica, depois que Elisa começou a trabalhar, ela passou a (re)construir a sua própria identidade, pois até então vivia o projeto de seu esposo, como alienação. "Pode-se definir identidade como resultante, em grande parte, da tentativa constante de buscar a coerência lógica entre as experiências vividas e aquilo que se tem como objetivo" (Follmann, 2001, p. 5).

Projeto de Jô

Segundo o acadêmico Adriel Giordani Christ (Gonçalves, 2010), Jô, nas primeiras declarações dos próprios sonhos, baseia-os em "estudar": bolsa para mestrado, pós-graduação, trabalhar na área e independência total. Quer ser uma mulher racional e moderna.

Uhuh! (Sim). Assim, eu não tenho nada concreto, até porque não tem como né? Ainda falta metade da faculdade, mas... Eu penso assim, em sair, tentar um mestrado, uma pós, um emprego mesmo não tenho como afirmar nada, porque vai depender muito do momento que eu estiver passando, mas eu acredito que eu ainda vá acabar gostando mais da área clínica, não sei, também acho que eu gostaria da hospitalar, enfim... Mas não tem nada muito certo, assim. Eu ainda penso que se eu não conseguir uma bolsa pra mestrado, vou continuar fazendo uma pós! Eu não penso em parar de estudar, sabe? Isso é o meu objetivo, eu tenho claro pra mim, eu vou continuar estudando, trabalhando, enfim... (Jô).

Na história de vida de Jô, segundo o acadêmico Adriel, é nas entrelinhas que aparecem as referências familiares, principalmente ligadas ao pai. Estas ligações podem estar sendo, inconscientemente, as propulsoras invisíveis de suas escolhas. Em estudos recentes, Silva *et al.* (2009) ressaltam que Lacan afirmava que o ser humano, influenciado por modelos identificatórios, cria seus desejos a partir do desejo do outro, e que pode alterar a própria satisfação de quem não sabe o que demanda.

Nesta mesma linha, mas com um recorte mais sociológico, o acadêmico Adriel propõe outra reflexão que pode ser feita remetendo para o modo como Follmann (2001, p. 45) trabalha

a ideia de que "o ser humano é um ser de projeto". O projeto de vida está ligado diretamente à constante interação deste ser de projeto, construtor de uma identidade. Refere-se, assim, "o sujeito como ser intencional", que se planeja, sonha, deseja, aspira, apropria-se, frustra-se, remaneja-se e idealiza-se. O acadêmico Adriel, também menciona a frase paradigmática de Follmann (2001) que contrapõe identidade (processos de identidade) e alienação (processos de alienação), mas conclui dizendo: Se a situação sobre seu projeto de vida for analisada com mais profundidade, as escolhas de Jô estão recebendo apoio, em sua maioria.

Terceiro momento: desvelando outras dimensões da identidade

A territorialidade: a "identidade de lugar" de Maria

Para o acadêmico Israel Souza da Silva (Gonçalves, 2010), um fato importante relatado por Maria tem a ver com o que Duarte (2008) chama de "identidade de lugar". Segundo este autor,

[...] as pessoas se relacionam com seus lugares, representação, o lugar exerce influência. Genética é cultural, diz muito da gente, toda pessoa tem um grupo com quem se identifica, esse grupo forma a cultura, que acaba inevitavelmente influenciando e formando minha identidade (Duarte, 2008, p. 186).

Todos nós somos reflexos do lugar de inserção no qual estamos; quando mudamos de lugar, nossa identidade é abalada, positivamente ou negativamente. Maria, ao ser questionada sobre os lugares marcantes em sua vida, declara que sente saudade de sua cidade natal: "Ai tem, tem, tem lá na Alvorada, Porto Alegre, porque a gente... Era coisa de infância, coisa antiga, bonita, coisa saudável, sem violência, sem ladroagem... Eram nossos brinquedos, dos meninos, né, era carrinho de pau... A gente puxava e saía correndo" (Maria).

Maria pôs em pauta a etapa feliz e sem preocupações, apesar da pobreza, vivida na infância. O lugar fica associado a esta etapa, apesar de ser conhecido objetivamente, hoje, como um dos lugares mais violentos da Região Metropolitana de Porto Alegre, que é o município de Alvorada. O que importa, no entanto, é o que permanece no imaginário do sujeito. O lugar de referência não é algo objetivo, mas é uma construção a partir de alguma fruição pessoal ou experiência positiva.

Os processos de identidade de Maria foram marcados pela superação das limitações e carências impostas: uma permanente crise.

O acadêmico Israel Souza da Silva (Gonçalves, 2010), em sua análise da história de vida de Maria, aponta ainda interessante reflexão sobre os processos de identidade de Maria, quando, reportando-se a Stuart Hall (2005), fala da chamada "crise de identidade", que é caracterizada por um processo amplo de mudanças, que está deslocando as estruturas e processos centrais

das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social, ou seja, quando o indivíduo perde suas referências.

Apoiado, ainda, nas categorias de Hall (2005), o acadêmico Israel diz que o sujeito pós-moderno se enquadra perfeitamente na história de vida de Maria. O sujeito pós-moderno em Hall (2005, p. 23) é assim caracterizado: "É o sujeito fragmentado, que perdeu a certeza, está cheio de dúvidas e com dificuldade de construir sua identidade". É um sujeito que perdeu suas referências por um bombardeio social.

O acadêmico Israel chama a atenção de que é sumamente importante enfatizar a ideia de que a construção da identidade é um processo no qual a gênese se encontra ainda antes do nascimento, desde a concepção biológica, que vai sendo lapidada, aprimorada, aperfeiçoada ao longo da vida do sujeito, sendo este, portanto, detentor de uma metamorfose existencial. Este lapidar, aprimorar e aperfeiçoar ao longo da vida de Maria foi muito duro e repleto de dificuldades. No meio das dificuldades, algumas ajudas foram sempre importantes. Maria expressa bem isto ao relatar as dificuldades enfrentadas na vida e as ajudas que teve também: "Passamos fome, passamos fome pra, bastante, sabemos o que é passar fome, quem não sabe, não sabe, né, mas nós sabemos, e aquela época era só ajuda do [...], dos vizinhos e depois, [...]" (Maria).

Maria relata que não teve instruções ou orientações, o que acabou por dificultar sua aprendizagem: "devido aos problemas, dos problemas que eu tive, né, de saúde, então enfraqueceu muito e eu não tinha aquela tendência, inteligência de aprendê, não tinha quem me ensinasse também e me orientasse e dali para a frente eu fui crescendo, os tempos foram passando" (Maria). Ainda apoiando-se em Hall (2005), o acadêmico Israel retoma a ideia de que a crise de identidade remete o indivíduo a buscar outras referências. Para Hall (2005), através da crise pode-se configurar um sujeito sociológico, não como um ser autônomo e autossuficiente, mas sim formado na relação com "outras pessoas importantes para ele". Para Maria, todas as pessoas que a ajudaram são importantes para ela. São estas pessoas que são a mediação dos valores, sentidos e símbolos – a cultura – possibilitando, assim, referências interativas nos processos de identidade.

Elisa e os seus processos de identidade: a construção de nova territorialidade

A acadêmica Maria Bernadete S.V. Prum (Gonçalves, 2010) dedica importante espaço ao processo de adaptação de Elisa ao seu novo lugar, ao seu novo habitat ou território, depois de casar-se: Ao chegar ao bairro, Elisa estranhou muito; era totalmente diferente de onde morava, sentia o povo daquele bairro muito diferente; eram pessoas mais carentes e de outros costumes. Ali não tinha energia e era próxima à mina de carvão; a energia era gerada pela mina CBCA. Ao levantar pelas manhãs,

em vez de visualizar lavouras verdes, sua visão se deparava com montes de carvão e sentia um cheiro muito forte. Sentia muita vontade de voltar para a casa de seus pais.

[...] Ai estranhei bastante né, a vontade era de voltar pra minha terra de origem, mas cada vez que eu chegava lá, que meu pai me olhava que eu chorava né, a partida pra vir de volta pra minha casa né e ele dizia que eu tinha que vim porque... eu tinha optado por aquela escolha então que eu seguisse que eu acompanhasse o meu marido (Elisa).

A acadêmica Maria Bernadete aprofunda a sua reflexão sobre a dificuldade de adaptação de Elisa ao novo lugar, reportando-se a Duarte (2008). Apoiada neste autor, faz uma análise descritiva do processo vivido por Elisa: Foi muito difícil para Elisa se acostumar ao novo lugar. Ela cita que no início foi difícil, mas com o passar do tempo foi mudando seu modo de ser, de pensar, pois, na escola, a maioria de seus alunos eram crianças carentes e isso foi comovendo Elisa. Isto foi mexendo com seu sentimento e ela passou a olhar aquelas crianças tão carentes com os olhos do coração. E, desde então, abraçou aquele trabalho com muito amor. Elisa, que sempre cuidara de sua família, que sempre batalhara por sua felicidade, viu naquelas crianças a ausência de afeto, de amor, algo que sempre cultivou na sua família. Foi então que, trazendo a serenidade e a humildade de seu pai, despertou em si o sentimento da caridade, do amor, de ser útil ao próximo. E dali em diante batalhou muito por isso. Esta escola passou a marcar profundamente a sua vida. E aquela vontade de voltar para seu lugar de origem não a incomodava mais, pois se sentia importante para aquela escola que se localizava naquele bairro. Pois já não era mais apenas um lugar onde Elisa habitava com sua família, mas passou a ser o seu território. Sabemos que todo espaço é constituído por muitos lugares que são formados pelas relações que as próprias pessoas mantêm. Esta ideia de Duarte (2008) condiz com a adaptação de Elisa, que acabou incorporando o lugar território do qual passou a fazer parte.

Já com a nova territorialidade definida, Elisa, quando teve sua quarta filha, fez questão de colocá-la na escola do bairro. "Ela estudou ali já, já não foi em outro colégio, já foi ali... Eu acostumei ela a ficar no meio das outras crianças, a se enturmar... Senti que ela não era diferente, mas só a diferença, que fazia, muitas vezes, era só nas condições do amor [...]" (Elisa).

Jô: em busca de um reencontro com a mãe?

O acadêmico Adriel Giordani Christ (Gonçalves, 2010) busca interessante apoio em Erich Fromm na tentativa de entender o porquê do desejo expresso por Jô de, um dia, retornar ao interior. Já foi referida anteriormente a passagem de Fromm (1986, p. 3) que fala da mãe como "o lar de que proviemos, é a natureza, o solo, o oceano; o pai não representa qualquer desses lares naturais".

Quando falávamos acima do projeto de vida de Jô, lembrávamos que, segundo o acadêmico Adriel, neste projeto de vida há um componente profundamente associado à sua territorialidade de origem: um mundo mais próximo da natureza: Existe um momento de desabafo durante a entrevista, quando a moça do interior se descontenta com a realidade e registra o profundo desejo ligado ao projeto de vida, unido ao lugar:

Está no meu projeto de vida, [...] vejo isso a longo prazo, morar em um lugar mais calmo, em um lugar mais tranquilo, que eu possa ter meus bichinhos, que eu possa ter meus futuros filhos aí longe desse! [...] Conviver com o meio ambiente, brincar na terra, ter contato com os animais [...] E até pra mim mesma! [...] Morar num lugar mais distante e calmo (Elisa).

Trata-se da identidade de lugar de Jô, que está muito ligada à natureza, ligada aos sentimentos, no entender do acadêmico Adriel. Segundo este, Jô demonstra a necessidade do retorno às suas raízes, dos cuidados maternos, que seu lugar simbólico proporciona, a necessidade de desenvolver melhor a expressão de seus sentimentos e inundar sua subjetividade com a satisfação de suas necessidades inconscientes. É o que Fromm expressava ao se referir à busca de "segurança, regressando à natureza" (Fromm, 1961, p. 70).

Jô é uma jovem estudante pós-moderna, que se idealiza tranquila e disciplinada, mas se sente no automático. Ela é, de certa forma, um exemplo daquilo que Stuart Hall (2005) explicita em sua teoria de crise de identidade, ao falar do humano. Segundo o acadêmico Adriel Giordani Christ (Gonçalves, 2010), ela está se constituindo uma mulher pós-moderna, que atingirá sua independência através dos estudos continuados, mas que se sente fragmentada, cheia de ambiguidades, dúvidas, medos e ansiedade, que mantém as melhores amizades pela internet, que fica sabendo as novidades em um segundo. "A gente tá longe, mas ao mesmo tempo tá perto" (Jô). Ela sente a necessidade imensa de independência, já que não gosta de se apegar a nada, nem a ninguém. Afinal, tudo acontece, passa, termina. Vai-se rápido demais, hoje em dia.

A identidade de lugar de Jô, como já foi dito, é uma identidade ligada à natureza, ligada aos sentimentos, mas foi construída em processo fragmentado. Para ela, a sala de aula acaba sendo outro lugar simbólico de satisfação. Como na teoria de Duarte (2008, p. 189), transforma-o em território, amplia espaços, e o lugar passa a ser território sendo gerenciado politicamente. Muito racional, exerce o papel de líder e participa da democracia.

Sempre fui presidente da sala. [...] Eu não gosto de estar ali só esperando, que me passem, eu gosto de estar ali no meio ajudando a decidir, a mudar, ajudando no que for preciso. [...] Eu vejo que eu tenho um papel social! [...] Eu tenho um papel, uma função ali na sala, mas eu vejo muito mais o pessoal me cobrando, criando um estereótipo em cima desse papel [...] mas eu não abro mão (Jô).

Existe uma transação no processo de identidade no qual "o sujeito pode tomar diferentes caminhos de engajamento, ou seja, ele se manifestará sempre na sociedade, em suas diferentes

expressões coletivas (grupos, organizações, movimentos, partidos), acionando e alimentando processos de identidade" (Follmann, 2001, p. 49). Jô demonstra ter uma capacidade autônoma como ser humano, a de revelar sua identidade como líder. Tenta não alienar-se, tendo a noção de que "[...] até que tu veja o contrário a gente acaba sendo manipulado junto com os outros" (Jô), mas "o que eu tento fazer sempre é analisar todos os lados e fazer a melhor escolha, exercendo o voto, participando ativamente, tentando ser dona da própria voz" (Jô).

Para o acadêmico Adriel, Jô idealiza-se tranquila, independente, superando o medo das perdas, casando-se, com filhos e compreendendo melhor a doutrina espírita. Ela preza o respeito, a lealdade, a capacidade de não invadir o outro. Tem repulsa a hipocrisia, a mentiras. Jô caminha rumo à subjetividade integrada. Mas sente as sequelas de não ter tido a mãe como ponto fixo, das fortes influências unilaterais do cognitivo, e ter o modelo identificatório superprotetor do pai. Ela possui elementos maternos e paternos que se manifestam como valências positivas. E ama a vida. Por isso confunde-se, têm temores do mistério de existir. Jô é um ser íntegro, racional, líder, independente, que ainda descobrirá melhor os próprios sonhos, caminhos, lugares, territórios. E esta estória, provavelmente, é só o começo da jovem mulher, gaúcha de coração, brasileira.

Considerações finais

O artigo, como foi explicitado em seu início, não foi mais do que uma incursão despretensiosa pela biografia singular de cinco pessoas abordadas através do trabalho acadêmico de estudantes do Curso de Psicologia da UNESC. Isto é o que dá o tom do artigo.

É notável que tratasse de um exercício acadêmico no qual estudantes de Psicologia Social II fizeram primeiro um "tête-à-tête" com os sujeitos, colhendo as suas histórias de vida para, num segundo momento, tentar analisar estas mesmas histórias de vida, a partir dos aprendizados teóricos em sala de aula.

Assim como nas salas de aula da disciplina de Psicologia Social II, a concepção das diferentes dimensões da identidade ou dos processos de identidade foi o pano de fundo de toda a discussão desenvolvida; este também foi o pano de fundo da construção coletiva do conhecimento ao longo deste texto.

O texto apresentado tem um formato de conjunto de fragmentos de análise, reportados a retalhos de história de vida. A riqueza e complexidade que comparecem, no entanto, em cada um dos retalhos e dos fragmentos de análise ultrapassam de longe isto que poderia ser apontado como uma limitação.

Segundo o acadêmico Adriel Giordani Christ (Gonçalves, 2010), este trabalho permitiu olhar o ser humano de forma complexa, embasado pelos estudos de Psicologia Social II dados em aula. Possibilitou identificar no outro a construção da identidade, da subjetividade, da complexidade de se constituir como ser na atualidade. Houve a oportunidade de mergulhar na imensidão interna de um ser humano. E certamente os demais

quatro acadêmicos, coautores nas análises aqui expostas, diriam o mesmo.

O acadêmico Lucas da Silva Ricken (Gonçalves, 2010) teve a oportunidade de se entranhar na história complicada de alguém que teve o seu sonho profissional negado e que passou por uma trajetória de sucessivos engajamentos profissionais; a acadêmica Greice Michels Tomazi (Gonçalves, 2010) analisou a história de vida de um profissional bem-sucedido, depois de ter passado por momentos de grande empenho e decisão pessoal; e a acadêmica Maria Bernadete S.V. Prum (Gonçalves, 2010) relata e analisa a história de vida de uma mulher que mudou radicalmente de territorialidade e conclui tranquilamente: "A minha vida é assim". Todos talvez pudessem concluir com o colega acadêmico Israel Souza da Silva (Gonçalves, 2010), que no início de sua análise assinala como nas histórias de vida se pode notar o processo de produção da subjetividade e como cada sujeito constrói a identidade em seu âmbito existencial.

O sujeito, ao longo de toda a sua trajetória existencial, traz consigo um processo de construção permanente de sua identidade, se assim se pode falar. A nossa linguagem é demasiadamente limitada para conseguir expressar com clareza o significado desta construção, que não é a construção de um "edifício" que um dia estará acabado, mas se trata de um processo de permanente identificação no complexo entrecruzamento das mais diversas realidades nas quais o sujeito se movimenta e nas quais o sujeito não quer sucumbir.

Referências

- DAMERGIAN, S. 2001. A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade. In: E.T. TASSARA (org.), *Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano*. São Paulo, EDUC/Fapesp, p. 87-119.
- DUARTE, B.M. 2008. O "lugar-território" na complexidade da realidade contemporânea: Incursões teóricas a partir da intersubjetividade. *Caminhos de Geografia*, 9:85-195. Disponível em: http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/50938_5984.PDF. Acesso em: 15/05/2012.
- FERRAROTTI, F. 1983. *Histoire et histoires de vie: la methode biographique dans les sciences sociales*. Paris, Librairie de Méridiens, 195 p.
- FOLLMANN, J.I. 2001. Identidade como conceito sociológico. *Ciências Sociais Unisinos*, 37(158):44-65.
- FROMM, E. 1961. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar, 350 p.
- FROMM, E. 1986. *A arte de amar*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 109 p.
- GOLDENBERG, M. 2005. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Record, 107 p.
- GONÇALVES, T.M. 2007. *Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano*. Ijuí, Editora Unijuí, 208 p.
- GONÇALVES, T.M. 2010. *Relatório de Pesquisa da Disciplina de Psicologia Social II. (Histórias de Vida analisadas e comentadas por Adriel Giordani Christ, Maria Bernadete Serafim Viola Prum, Lucas da Silva Ricken, Israel Souza da Silva e Greice Michels Tomazi)*. Documentos Não Editados. Criciúma, UNESC, 80 p.
- HALL, S. 2005. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A., 102 p.
- ITTELSON, W.H.; PROSHANSKY, H.M.; RIVLIN, L.G.; WINKEL, G.H. 2005. *Homem ambiental. Textos de psicologia ambiental. Laboratório de Psicologia Ambiental*. Brasília, UnB, n. 14, 9 p.
- PAZ, O. 1973. La consagración del instante: el arco y la lira. In: T.W. ADORNO et al., *El arte en la sociedad Industrial*. Buenos Aires, Rodolfo Alonso, p. 27-38.
- POL, E. 1996. La apropiación del espacio. In: L. IÑIGUEZ; E. POL, *Monografías psico-socio ambientales*. Barcelona, Universidad de Barcelona, p. 45-62.
- PICHON-RIVIÈRE, E. 1983. O processo grupal. In: E. PICHON-RIVIÈRE (org.), *Técnica dos grupos operativos*. 1ª ed., São Paulo, Martins Fontes, p. 87-98.
- SILVA, M.M.L.; NOGUEIRA, V.M.; FRAGA, V.B. 2009. O vazio existencial: de Lacan à contemporaneidade. *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 7:102-112. Disponível em: <http://www.revista-contemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo210.pdf>. Acesso em: 13/03/2012.
- VIDICH, A.J.; LYMAN, S. 2006. Métodos qualitativos: sua história na Sociologia e na Antropologia. In: N.K. DENZIN; Y.S. LINCOLN (orgs.), *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre, Artmed, p. 49-90.

Submetido: 02/01/2013

Aceito: 01/08/2013